AS FORTIFICAÇÕES DO CEARÁ

A historia das fortificações cearenses é ainda um capitulo inédito na historia nacional.

As poucas linhas já redigidas que por ahi existem correndo mundo, estão, de ordinario, eivadas de lacunas e, não raro, de erros capitaes.

Das notas escriptas por Annibal Amorim, na "Historia das fortificações do Brasil" e das que Saint' Adolphe incluiu no "Diccionario Historico Geographico e Descriptivo do Imperio do Brasil", pouco se aproveita infelizmente. Trabalhando longe dos archivos, que guardam os nossos documentos historicos de maior valor, e da terra, que estudavam, é natural pouco podessem fazer de proveitoso.

Do assumpto occuparam-se tambem Paulino Nogueira (1) e Eduardo M. Peixoto, (2) e, incidentemente, Antonio Bezerra (3) e João Brigido, (4) mas apenas na parte que se refere á fortaleza de N. S. da Assumpção.

---

(1)—"Fortaleza de N. S. d'Assumpção" — Eduardo M. Peixoto. R. do Inst. do Ceará, T. XIX. Anno 1905.

(2)—Antonio Bezerra de Menezes — "Descripção da Cidade de Fortaleza". Idem. T. IX. P. 147.

(3)—Paulino Nogueira — "Fortaleza do Ceará". Idem. Tomo II. Anno 1888.

(4)—João Brigido — "A Fortaleza em 1810", R. do Inst. do Ceará. Tomo XX. Anno 1906.

Assim, pareceu-nos interessante divulgar as notas, que se seguem, reunidas ao sabor de leituras feitas ao acaso.

Após ligeira introducção, começaremos nosso estudo pelos fortes sobre os quaes ha maior documentação.

* * *

As fortificações levantadas no Ceará foram pouco numerosas e sem grande efficiencia bellica, em consequencia de ter sido sempre seu territorio considerado como falho de importancia, quer estrategica, quer commercial. Terra pobre e de difficil accesso jamais mereceu grandes cuidados dos colonizadores portuguezes.

Cem annos depois de ter aportado ás praias da Santa Cruz a expedição exploradora de Gonçalo Coelho, quando no Brasil meridional já ia assás adeantado o movimento colonizador, as costas da Capitania do Ceará, baixas, arenosas e desabrigadas eram cruzadas apenas pelas naus de traficantes estrangeiros que por aqui faziam o commercio clandestino de madeiras, pimenta e algodão.

O ambar gris, que se dizia abundante nas praias, e um pouco de pau violeta, existente nas fraudes da Ibiapaba, não podiam aguçar a cobiça d'aquelles que possuiam as mais ricas terras do Oriente, fazendo-os esquecer o fim tragico dos primeiros donatarios que pretenderam colonisar o Ceará.

O povoamento de nossa terra foi mais uma consequencia necessaria do movimento de expansão da colonia, buscando seus limites naturaes, o Amazonas e o Prata,—limites que Portugal de ha muito assentára traçar para seus dominios americanos — do que uma empreza deliberadamente levada a cabo pelos colonizadores.

A Terra da Luz, cabe accentual-o, só uma vez conseguiu despertar a attenção da metropole. Foi

quando os francezes se fixaram no Maranhão, (5) ameaçando quebrar a inteireza da grande colonia Sul Americana.

Em menor escala repetia-se aqui o que já succedera annos antes com a terra da Vera Cruz: só a cobiça estrangeira salvou-a do olvido e do abandono em que jazia.

Para que os portuguezes aqui viessem depois do mallogro das expedições de Luis de Mello e Ayres de Cunha, fez-se mistér que El-rei de Hespanha temesse perder uma porção consideravel de sua possessão brasileira, já dominada, em parte, pelos companheiros de Jacques Rifault que, na Ibiapaba, entretiam relações de amizade com os Tabajaras.

A primeira tentativa para libertar o Maranhão foi feita por Pero Coelho de Sousa, açoriano dinheiroso que, seduzido pela miragem de riquezas fabulosas, solicitára do governador geral do Brasil, a mercê de realizar por conta propria esse commettimento.

Alcançada a licença, e munido do respectivo regimento em que "se o encarregava de descobrir por terra o porto de Jaguaribe, tolher o commercio dos estrangeiros, descobrir minas e offerecer pazes aos gentios", partiu elle, em 1603, para as praias cearenses, donde voltou vencido e pobre, deixando na terra que lhe fôra tão hostil, dois pequenos reductos arruinados.

Tendo fracassado a empreza de Pero Coelho, que de principio não teve o Ceará por fim collimado mas que foi incontestavelmente, em virtude das determinações expressas do regimento, (6) a pri-

---

(5)—A Capitania do Maranhão, uma das mais extensas, foi doada a João de Barros e Ayres da Cunha e comprehendia grande parte do actual Ceará.

(6)—Fará povoação e fortes nos logares ou portos que melhores lhe parecerem, procurando a amizade dos indios offerecendo-lhes paz e a lei evangelica", resava o regimento.

meira tentativa para colonizal-o, e a expedição dos padres Luiz Figueira e Francisco Pinto, que se destinava apenas á catechese dos indios da Ibiapaba, cahiu a terra em abandono .

Em 1612 a ameaça á integridade territorial da colonia se positiva mais ainda com a fundação da França Equinoxial, influindo este facto de modo notavel no povoamento de nossa terra.

Foi para pôr em execução o plano de reconquista do Maranhão, concertado por Diogo Botelho e adoptado mais tarde por Gaspar de Sousa, que para aqui veio Martim Soares, o verdadeiro fundador do Ceará e constructor do fortim de S. Sebastião.

Desse periodo agitado da historia cearense, que vae de 1612 a 1615, data igualmente o reducto de Jericoacoara, chamado tambem fortim de N. S. do Rosario.

Depois da occupação do Amazonas perdeu nossa terra, como muito bem faz notar Capistrano de Abreu, o pouco valor que lhe reconheciam e houve mesmo idéa de evacual-a.

Nesse interim, sobrevêm as duas invasões hollandezas, que a rivalidade entre Castella e os Paizes Baixos, arrojára ás terras brasileiras, deixando-nos apenas o fortim de Schoonenborch, denominado, mais tarde, quando, em 1654, passou ás mãos dos portuguezes, de forte de N. S. d'Assumpção.

Em 1696, fundou-se o presidio do Jaguaribe. De 1696 até fins do seculo XVIII, nenhuma nova obra de defesa fixa se levantou na Capitania.

A attenção dos dirigentes luzitanos estava voltada para outros pontos de seu vasto imperio colonial, visado uns pelos olhos cobiçosos dos estrangeiros e outros em plena effervescencia emancipadora.

Em começo do seculo XIX fortificaram-se a ponta do Mucuripe e o morro outr'ora denominado Marujaituba.

Construidas, de ordinario, atabalhoadamente e

destinadas mais a intimidar os nativos do que a proteger a colonia contra o ataque dos forasteiros, as fortificações portuguezas aqui feitas no seculo XVII pouco duraram, desapparecendo todas com o caminhar desse mesmo seculo.

Do velho reducto de Schoonenborch simplesmente subsiste a vaga lembrança de um nome.

Os fortes que aqui surgiram no correr do seculo XIX, concluidos com muito mais apuro do que os edificados anteriormente, tiveram tambem existencia ephemera. Delles restam apenas ruinas e as muralhas da nova fortaleza de N. S. d'Assumpção, levantada pelo engenheiro Silva Paulet.

I

FORTE DE S. SEBASTIÃO

A fundação do forte de S. Sebastião é apenas um episodio incruento da guerra contra os francezes estabelecidos no Maranhão.

Sua historia é a propria historia do Ceará em seus primordios.

Baldadas as primeiras tentativas de colonização, cahiram as terras doadas a Antonio Cardoso, João de Barros e Fernand'Alves de Andrade, mais uma vez em completo desamparo.

Rediviva na memoria dos colonos da capitania vizinha, pordurava a desgraça daquelle primeiro explorador, como pregão da rudeza e esterilidade do Ceará; profundo sentimento de horror ás hordas que o povoavam infundira nos corações portuguezes o martyrio do Padre Pinto. A esta provincia fugia a raça branca como o sólo maldito, cujas lobregas e calidas solidões, só a tapuias podiam abrigar. (7)

(7)—J. Catunda. "Estudos de Historia do Ceará". Ceará, 1886.

(8)—O nome de N. S. do Amparo serve tambem, por vezes, a designar o fortim de S. Sebastião.

Urgia, porém, transformar a Capitania em base das operações militares que visavam assentar novamente o poder hispano-portuguez no Maranhão. As ordens da metropole eram terminantes.

Como ninguem se offerecesse para povoar esse lugar que a imaginação popular transformava em mansão da morte, D. Diogo de Menezes, o successor de Diogo Botelho, no Governo do Brasil, entregou a empreza a Martim Soares Moreno, que predicados especiaes talhavam para tal commettimento.

O moço portuguez era corajoso e forte e tinha n'alma rude todas as virtudes maximas dos paladinos portuguezes do seculo XV. Muito versado no linguajar dos indigenas, a quem affeiçoara largo convivio, possuia, além disso, grande experiencia da região, por tel-a perlustrado annos antes em companhia de Pero Coelho e depois quando fôra, já tenente da fortaleza do Rio Grande "a fazer novas amizades com os indios moradores na costa até o Ceará".

A 20 de janeiro de 1612, chega elle á nossa terra, trazendo em sua companhia apenas seis soldados e um padre para não despertar nos nativos injustas suspeitas de pretender escravisal-os.

Vinha como capitão-mór fundar uma feitoria e com ordens para guarnecer pontos do littoral julgados de certa importancia estrategica e fomentar e desenvolver nelles a catechese dos indios.

Afim de garantir a situação dos portuguezes na região descoberta e protegel-os contra possiveis ataques dos aborigenes, cuja indole tão bem conhecia,levantou Martim Soares,com a ajuda de Jacaúna, principal potiguar, um fortim "capaz de 200 homens, soldados e moradores" e construiu, logo depois, a pequena ermida de S. do Amparo. (9)

(9)—Trechos do Marquez de Basto relativos ao Ceará ("Memorias Diarias de la Guerra del Brasil", pag. 258). Transcriptos na "Revista do Instituto od Ceará", pags. 322 a 323. Tomo XX. Anno 1906.

Ao fortim e á povoação, erguidas no mesmo local onde annos antes existira a povoação de Nova Lisboa, chrismou o capitão-mór com o nome de S. Sebastião, invocando, desse modo, o santo do dia em que alcançara as margens do rio Ceará.

Jacaúna, que o seguira com a tribu, estabeleceu-se a meia legua do fortim recem-construido que era de insignificante poder offensivo.

Possuindo unicamente duas peças de pequeno calibre, resentia-se, outrosim, de todos os defeitos peculiares ás fortificações, que então aqui se edificaram.

Imagine-se uma estacada de pau a pique, feito á semelhança das caiçaras das tabas tupis, sobre a qual tremulou largo tempo a bandeira hespanhola, e ter-se-ha uma idéa do reducto de Martim Soares.

Em fins de 1612 sua guarnição se compunha, além do capitão, de 16 homens e um sargento.

"O Ceará, escreve o autor das "Memorias Diarias da Guerra do Brasil" é mui pequena povoação (e a primeira onde começa o governo do Maranhão), com um reducto com duas peças de ferro, mais para conter em respeito os indios (dos quaes ha muito ali) do que para outro effeito; porque só para isto se conserva aquelle ponto sem importancia a outro qualquer respeito, por não ter porto, estando junto ao mar e nem terra de proveito algum".

Apezar da insignificancia do reducto cearense e do descredito em que era tido-patenteado aliás em todos os escriptos da época — prestou elle reaes serviços na defesa da terra brasileira contra a ambição dos piratas e traficantes extrangeiros.

Assim, em 1614, repelliu vantajosamente uma investida levada a effeito pelas forças de du Prat, o mesmo succedendo, annos depois, em 1624 e 1625, quando a colonia soffreu novos assaltos partidos, desta vez, das tripulações de náos flamengas que velejavam aguas territoriaes da Capitania.

O primeiro ataque se quebrou ante a resisten-

cia heroica do padre Balthazar João Correia e os dois ultimos resultaram infructiferos, graças ao denodo nunca desmentido de Martim Soares Moreno.

Regressára elle ao Ceará a 23 de setembro de 1621, mais uma vez como capitão-mór, após 8 annos de ausencia. (10)

Chegando á terra cuja posse lhe fôra assegurada por dez annos, pela carta patente de 26 de maio de 1619, tratou de reconstruir o forte, que encontrára reduzido a uma cerca de varas a desabar, apazigou as dissenções reinantes entre moradores e indios da circumvizinhança, fez, com os parcos recursos, que trouxera da Metropole, agricultura e desenvolveu a creação de animaes domesticos.

Durou pouco a alegria dos moradores e a prosperidade material da colonia. A miseria e a fome, apenas mitigadas com a chegada do capitão-mór, cêdo retomaram seu dominio.

Por falta de communicações faceis, o capitão-mór e os soldados ali destacados, que eram em numero de 40 (11), ficavam mezes e mezes sem receber vencimentos, nem soccorros.

A população branca pouco crescera, em compensação o contingente indio engrossára muito, attrahido á vida sedentaria pela acção deligente do commandante do presidio, e a mestiçagem proliferava largamente.

A situação tornou-se por vezes tão afflictiva que foi preciso enviar emissarios ás capitanias vizinhas a reclamarem soccorros.

---

(10)—Em 1613 partira elle para o Maranhão á cata de descobrir e precisar as posições dos Francezes, estabelecidos na ilha de São Luiz.

(11)—O numero de soldados, marcado pelas Provisões régias para o presidio do Ceará era de 50, numerô jamais attingido apezar das reclamações de Martim Soares.

O alferes Jeronymo da Veiga, mandado á Bahia, teve que ir á Metropole para se fazer ouvir.

As cartas de Martim Soares e de Antonio Muniz Barreiros, capitão da conquista do Maranhão, que por aqui passou, illustram o facto e dizem bem as aperturas em que se debatia a nascente povoação de S. Sebastião.

A guarnição, dissemos, levava vida precaria não podendo por isso mesmo cuidar da conservação do reducto que cahia, de quando em vez, em desbarato.

O que succedeu em 1621, repetiu-se em 1625.

Quando aqui esteve Francisco Coelho de Carvalho, capitão-general e 1° governador do Estado do Maranhão, a cidadella era uma completa ruina, sendo elle obrigado a reconstruil-a inteiramente. (12)

Apezar de todos esses embaraços, que não lograram nunca abater-lhe o animo inquebrantavel, Martim Soares, que no justo dizer de Capistrano, synthetiza e symboliza toda a hostoria do Ceará, até a invasão hollandeza, commandou ainda por cinco annos o presidio.

Em 1631, partiu elle em companhia de alguns soldados e indios mansos para Pernambuco a tomar parte nas luctas contra os flamengos.

Domingos da Veiga nomeado para substituil-o, mostrou-se pouco habil na direcção da Capitania. Não possuindo a largueza de vistas e o espirito de tolerancia de seu antecessor, cedo se malquistou com

---

(12)—Eis o topico da carta que, sobre o assumpto, enviou Francisco C. de Carvalho a El-rei, em 6 de fevereiro de 1627:

"Passei pella Cap.ª de Seará aonde achey Martim Soares Moreno por Capm. d'aquelle Presidio em hu forte tão fraco e desbaratado.que me foy necess.° fazel-o de novo e guarnecel-o com quatro pesas de Artelha[a]; por não ter mais q'hua; e com alguns soldados, polvora e munições, das poucas que levava..."

(Doc. n. 113. Documentos para a Historia do Brasil e Especialmente a do Ceará; — Segundo vol., 1909).

a indiada, a quem, no dizer de um historiador contemporaneo, desprezava profundamente.

Reaccenderam-se os odios raciaes. Gentios que pareciam se comprazer na paz e na sedentariedade que lhes impuzera Martim Soares, retomavam a vida erradia. Os soldados portuguezes, que continuavam entregues aos proprios recursos, davam tambem mostras de indisciplina.

Não obstante a anarchia que invadira a colonia e ameaçava subvertel-a, pôde ainda Domingos da Veiga frustar mais um assalto dado contra o povoado por uma náo hollandeza que exercitava pirataria nas costas do Ceará.

Esse estado de coisas perdurou até a morte do capitão-mór, Bartholomeu de Brito, que o succedeu no commando do fortim, nada fez para captar a amizade dos indigenas nem dissipar o desanimo da guarnição.

A situação da colonia tornára-se nessa época ainda mais precaria.

Os indios, que se tinham revoltado por instigação de emissarios hollandezes, traziam os portuguezes em constante sobresalto. Não havia mantimentos e a munição de guerra escasseava. Os barcos que aqui aproavam eram raros e só traziam magras provisões, sempre insistentemente reclamadas.

Bento Maciel Parente na sua relação do Estado do Maranhão, escripta em 4 de agosto de 1636, tratando das fortificações existentes no Estado do Maranhão, de que era governador, dá o castello de S. Sebastião como feito de fachina e terra e apenas com duas peças de artilharia.

Esse governador, tendo em vista sua pouca effiencia e a difficuldade de soccorrel-o, pela praça do Maranhão, em virtude da distancia de 200 leguas que os separava, opinava pelo seu immediato abandono, passando suas tropas a guarnecerem o forte de S. Luiz.

A medida proposta por Bento Maciel Parente,

medida com a qual aliás concordou plenamente o conselho de Ultramar, não logrou ser posta em execução. No dia 25 de outubro do anno de 1637, chegavam á Bahia de Mucuripe os navios "Brack" e "Camphaem" trazendo a seu bordo o major hollandez George Gartsman e o capitão Henderick Huss, com 125 homens brancos e alguns indios, que vinham, por ordem de Nassau, tentar a conquista da fortaleza.

Mandando uma expedição guerreira ao Ceará, procurava Mauricio de Nassau, na esperança de auferir lucros faceis para a Companhia (13), satisfazer os gentios cearenses que, um anno antes, tinham mandado a Recife solicitar alliança com os batavos e pedir-lhes viessem libertal-os do jugo portuguez que se lhes tornára odioso. Dominava-o tambem, de um lado, o secreto designio de proteger o Rio Grande do Norte, pondo entre elle e os estabelecimentos portuguezes, uma longa extensão de terras desertas, e do outro, a facilidade encontrada na tomada da fortaleza de Mina.

A 26, fez Gartsman desembarcar a tropa de combate e auxiliada pelos tupis, sob o commando do tuchaua Algodão, ataca o forte. A guarnição, composta de 33 homens, dirigidos por Bartholomeu de Brito, defendeu vigorosamente, mas o fortim foi tomado de assalto.

Os *Natulem* (registro officiai dos actos do governo hollandez de Recife), noticiando o facto, dizem que o assalto contra o forte de S. Sebastião foi dado com 400 homens, incluindo 200 selvicolas.

O forte, que passára as mãos do batavo, tinha a forma de um quadrado, sem flancos especiaes. As

(13)—Para justificar, perante a Assembléa dos XIX, seu acto, escrevia Mauricio de Nassau em carta de 16 de novembro de 1637: "é uma terra em que abundam a ambar e o sal, de sorte que, si Deus nos dér essa praça, não terão mais nosso navios de carregar sal das Indias de West, por que o teremos em nosso proprio paiz".

muralhas altas apenas de 10 pés eram, no dizer dos hollandezes, construidas de pedras soltas simplesmente sobrepostas sem cal nem outra qualquer especie de argamassa. Sua artilharia se compunha de quatro peças de ferro de quatro libras e um de duas libras.

Duarte de Albuquerque (*), e com elle varios outros escriptores e chronistas, negam que a tropa do forte houvesse resistido. Essa asserção, carece de fundamento. Não podemos, com effeito acceital-a dada a tempera e a bravura dos antigos luzitanos.

Homens dessa raça que tinha dado de si tantas provas de valor, não costumavam ceder suas conquistas sem um protesto sangrento. E nem doutra fórma sinão admittindo-se o combate, se poderia explicar o facto de se terem esgottado as munições dos sitiados e a sanha dos indios contra os vencidos —rancor tão violento que foi necessario, escreve Gartsman, o emprego da fôrça para salval-os do massacre.

A revolta contra os colonizadores portuguezes não foi, como pensam e escrevem chronistas luzitanos, uma consequencia natural da indole volubil do indigena cearense; uma simples explosão de instinctos rapaces mal adormecidos ainda hoje n'alma dos caboclos nortistas. A rebellião dos indios, em 1637, foi, como accentua Varnhagen, um golpe de mão habilmente preparado pelos hollandezes.

Sua origem deve ser, com effeito, procurada em 1625, data em que a esquadra do almirante Boudewyn Hendrickson, que regressava de S. Salvador, fundeou na Bahia da Traição para abaster-se d'agua e de mantimentos e d'ahi levou para os Paizes Baixos varios de nossos gentios. Esses selvicolas, que ali aprenderam o hollandez e as doutrinas da religião reformada, voltaram depois ao Recife, e, internando-se pelos sertões nordestinos, espalharam a noticia do dominio batavo em Pernambuco e se fizeram seus propagandistas.

No numero dos que foram ás Provincias Unidas, estavam Gaspar Paraupaba (14) e André Francisco, indios do Ceará, que devem ter sido encarrregados de rebellar seus irmãos ainda fieis á corôa hespanhola, em 1637. (15)

Arvorada a bandeira da Companhia das Indias occidentaes no fortim de S. Sebastião, (16) passa

---

(14)—Gaspar Paraupaba tomou mais tarde parte activa na Expedição da Mathias Beck ao Ceará e foi elle quem indicou aos dirigentes da Companhia das Indias Occidentaes, em Recife, a existencia de uma mina de prata proximo á serra de Maranguape.

(15)—Pela leitura da Historia ou "Annaes dos feitos da Companhia Priveligiada das Indias Occidentaes", escripta por Joannes de Laet e traduzida pelos snrs. Dr. José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior, se sabe que, em 1613, o Comandante Smient veio ao Ceará no Wieuw Nederlandt, trazendo alguns indios que foram desembarcados nas proximidades da enseada de Mucuripe.

(16)—No tocante á data em que sobre o fortim de S. Sebastião tremulou victoriosa a bandeira hollandeza, reinam serias divergencias. Interessante nos pareceu por isso transcrever da "Historia do Ceará", a opinião de alguns escriptores a respeito do assumpto acompanhada dos commentarios de seu erudito autor o B. de Studart. Eis o que Duarte de Albuquerque mereceu a conquista do Ceará.

"A tantas perdas que neste anno tivemos, accresceu ainda a da debil praça do Ceará. Como os muitos indios d'alli são por natureza inconstantes, ao saberem das vantagens do inimigo enviarão dois a cumprimentar o conde Nassau e dizer-lhe que se mandasse tomar aquella praça, lh'a entregarião e renderião obediencia, porquanto não podia estorval-os a gente que el-rei ali tinha, por ser mui pouca e ter morrido o capitão. Nassau, julgando que quanto de novo fosse adquerindo-lhe ia accrescentando a reputação, embora fosse tão diminuta utilidade como aquella praça, acceitou o offerecimento.

Expediu duzentos homens em quatro navios, que dando fundo a 20 deste mesmo mez, tres leguas ao mar do Ceará, e deixando a gente em terra correrão logo muitos indios, e não houve no reducto, outra acção mais que a de entregar-se. Tinha só vinte soldados e duas pequenas peças de ferro. O Capitão fallecido havia sido Domingos da Veiga Cabral.

Ad. de Vanhagen descreve-a nos seguintes termos na sua "Historia das luctas com os Hollandezes no Brasil", Ed. de Lisbôa de 1872, ás pgs. 180 e 181.

Gartsman o commando da praça ao tenente van Ham e dá-lhe uma força de 45 soldados para guarnecel-a, recommendando-lhe que de nenhum modo permittisse a escravização da indiada. (17)

Em novembro, volta elle por terra ao Rio Grande com parte dos soldados, indios e alguns prisioneiros, emquanto o capitão Hus embarca com o resto da tropa e vencidos para Recife.

Estava finda a primeira parte do drama que tão tragicamente devia terminar para os hollandezes.

Um resultado tão feliz, e tão facilmente alcançado (a tomada da fortaleza da Mina) provocou em Nassau estimulos a aventurar-se a uma nova conquista: a do Ceará. Deram azo a ella os offerecimentos que d'alli lhe mandou fazer, por emissarios, um principal por nome Algodão, naturalmente a isto induzido por varios indios, que, levados da Bahia da Traição a Hollanda, em 1625, haviam sido, já com essas miras, deixados em terra no Ceará, em 1636. Para com a Companhia pretextou Nassau as vantagens que dessa conquista resultariam, fornecendo não só ambar, como sal, genero este que tinham de ir buscar a uma das ilhas de Cabo Verde.

Partiu Gartsman do Recife em Outubro e em Dezembro chegou ao seu destino. Depois de haver dado aviso ao Algodão (a quem os seus appellidavam provavelmente Manin) e reunindo-se-lhe este, com duzentos dos seus, depois de vigorosa resistencia e perdendo alguns, deu o assalto, fazendo prisioneira a guarnição.

Entre os dous escriptores nota-se divergencia quanto a resistencia opposta aos invasores. Em nota accrescenta ainda Vanhagen: "é certo que o capitão era já então Bartholomeu de Brito, e lemos que resistira nove horas e só por falta de munições succumbira". Mas tanto um como o outro dão o assalto de Gartsman em Dezembro sem attender que elles proprios affirmam que a partida de Pernambuco realisou-se em Outubro, e que tão longo tempo não era preciso para atravessar a distancia, que separa as duas Capitanias.

Candido Mendes, citando as Memorias de Duarte Coelho e a Obra de Barleus, e João Brigido ás pags. 16 do Res. Chron. e do Res. da Historia do Ceará para uso das escolas primarias, dizem egualmente que Gartsman tomou a fortaleza do Ceará a 2 de Dezembro.

(17)—Netscher — "Les hollandais au Brésil" La Haye, 1853, apud J. Catunda Op. cit. p. 79.

Depois da partida do chefe da expedição, fez Van Ham cercar o fortim de uma paliçada, realizou obras inadiaveis á segurança do pequeno reducto, preparando-o assim para novas luctas.

Não se radicaram os invasores no Ceará.

A 1ª dominação hollandeza entre nós, foi relativamente curta. Durou apenas o espaço de 7 annos. De 1637 a 1644. Sete annos de estacionamento para a Capitania e de oppressão para os indios, forçados a trabalharem nas salinas e na extracção do páo violeta, recebendo como diarias apenas vagas promessas. A liberdade que Pernambuco fruia sob o governo, justamente incensado de Nassau, não expendera seus beneficos effeitos ao Ceará.

Os opprimidos da Hollanda esquecidos das dores passadas, cêdo se transmutaram, sob o céo americano, em oppressores ferrenhos. A politica de espoliações e de violencias dos Philippes de Hespanha, contra a qual se haviam insurgido victoriosamente, em 1580, pareceu aos batavos a unica applicavel á nossa terra.

Sinão tivemos o doloroso espectaculo das correrias e saques, occorridos na Bahia em 1624, e em Pernambuco em 1629, nem se repetiram as scenas vergonhosas de Uuassú, ou as perseguições levadas a effeito tambem na Parahyba e no Rio Grande do Norte (de 1633 a 1654) contra luso-brasileiros, foi porque o indo europeo aqui não prolificara ainda.

Até 1660, de gente branca havia no Ceará apenas a infantaria do presidio, que era mudada cada anno, e algum missionario na sua faina do bem (B. de Studart). A Capitania fruia o triste baldão de rude e esteril e Fortaleza, perdida no areal adusto das praias nordestinas, tinha pouco attractivo para os colonos. Os barcos que lançavam ferro na enseada de Mucuripe eram raros e as communicações, por terra, com as regiões vizinhas difficeis, dada a animosidade que sempre reinou entre *Paiacus* do Jaguaribe e Portuguezes.

Já existia muito gado pelo sertão, mas ninguem ousáva arrastar os perigos de um isolamento entre tribus selvagens, sitiando fazendas. (18)

O esquecimento das ordens de Gartsman foi fatal aos Hollandezes.

A falta de pagamento regular de salarios e os máos tratos recebidos dos conquistadores levaram os gentios á revolta que occorreu em 1644.

Aproveitando provavelmente uma occasião favoravel tomaram os amotinados o fortim, chacinando a tropa ali aquartelada inclusive Gedion Morris que, 4 annos antes, substituira o tenente van Ham na direcção suprema do Ceará.

Depois do saque o fortim ficou desmantelado e em completo estado de abandono. Terminára sua existencia historica.

As telhas que o cobriam e seus canhões foram, mais tarde, transportados pelos Hollandezes para o castello de Schoonenborch.

Proximo ao velho reducto em ruinas continuaram os indios a residir por muito tempo.

O fortim de S. Sebastião, tal como existia durante a 1ª dominação hollandeza, vem desenhado nos mappas — "Estabelecimento hollandez na barra do Rio Ceará" e Arxin Seará; insertos ambos na obra de Gaspar Barleus "Res Brasilæ (1647) e de que possue copias a Prefeitura Municipal de Fortaleza; vem na estampa "Siará Vista do Forte Siará" (Gravura em madeira — Amsterdam, 1673) e na carta sem data denominada "Nomes das fortificações durante o Governo de S. Exc. o conde Mauricio de Nassau" — 1637-1645, de autor desconhecido. Na "planta do Forte de Schoonenborch" figura elle

(18)—Ainda em 1730 dizia Rocha Pitta na "Historia da America Portugueza: "O Ceará é a mais aspera e inutil das provincias do Brasil".

tambem mas com a denominação de "velho forte de S. Bastião".

II

FORTIM DE S. LOURENÇO

O fortim de S. Lourenço, primeira fortificação construida no Ceará (19) — foi levantada nas margens do Jaguaribe por Pero Coelho de Sousa, quando ali esteve, em 1603, de passagem para a Ibiapaba, onde o levava a sêde de riquezas e glorias.

A historia desse reducto é, como a de tantos outros edificados no Brasil, de uma obscuridade até agora impenetravel. Não consta a época precisa de sua fundação, nem se sabe com segurança o local onde foi edificado. O papel que desempenhou nos primordios de nossa colonização é igualmente conjectural.

Imagine-se, e a isso se cinge toda sua historia que nelle estacionou novamente o capitão-mór em 1605, quando desanimado de receber os soccorros promettidos por Diogo Botelho, batia em retirada deante dos espectros de secca e da miseria.

Alguns historiadores, Paulino Nogueira entre outros, pensam que a nossa primeira fortificação foi levantada na barra do rio Ceará. Não acceitamos esse modo de entender. Antes de se lançar aventurosamente á conquista da Ibiapaba, estacionou o desventurado capitão nas margens do Jaguaribe muito mais tempo do que quando regressava de sua mallograda expedição.

Tendo encontrado em armas os indios do Ja-

---

(19)—Ayres do Cajal — "Corographia Brasilica", vol. 2º, p. 219, dá a entender que, antes de 1603, existiam alguns presidios no Ceará" dos quaes tirou Pero Coelho alguma gente para executar o projecto que felizmente conseguiu deixando o indio sujeito á Corôa de Portugal". Isso é, porém, pura invencionice como já o demonstrou sobejamente o Barão de Studart.

guaribe quando ali chegou em 1603, e demorando-se na região para tratar de pazes, é mais que provavel se houvesse tlle então entrincheirado para prevenir qualquer surpreza desagradavel por parte dos nativos. Demais o regimento que Pero Coelho conduzia determinava a fundação de reductos ao longo da estrada a percorrer, nos pontos que de maior importancia lhe parecesse.

O fortim de S. Lourenço figura na "Descripção do verdadeiro descobrimento e nova conquista do Rio Jaguaribe, Serras de Ariama, Muibuapava e pònaré", appensa ao livro "Rezão do Estado do Brasil", de Diogo de Campos Moreno. Nesse mappa —a mais antiga contribuição á cartographia do Ceará (20)—o fortim está collocado entre os nomes de tres rios: "Paripuera", ao norte, "iaguaribe", ao lado esquerdo e "S. Lourenço", ao sul.

Consta ainda o fortim de São Lourenço da carta que faz parte de uma collecção de mappas junto ao atlas n. 114, do Gabinete Geographico da Bibliotheca Nacional de Lisboa, e do mappa que, sob o n. 27, figura na "Descripção de todo o maritimo da Terra de Santa Cruz, chamada vulgarmente o Brasil", por João Teixeira, cosmographo de S. Magestade, anno 1640.

III

FORTIM DE S. THIAGO

A construcção do reducto de S. Thiago se deve tambem á expedição de Pero Coelho.

Depois da victoria brilhantemente alcançada em 1604 contra os francezes de Mambille e indios da Ibiapaba, procurou Pero Coelho avançar mais para o Norte, em demanda ás terras do Maranhão,

---

(20)—Quasi todas as indicações cartographicas que se contêm no presente trabalho, foram colhidas na "Geographia do Ceará", do Barão de Studar.t

afim de tentar desalojar os francezes ali estabelecidos.

Não o pôde, porém. Os soldados, mortos de fome e de fadiga, recusaram seguil-o, além do Punaré, pondo-se em franca rebeldia.

Vendo-se desobedecido e impossibilitado de proseguir em sua derrota, retirou-se o intrepido aventureiro luzitano para as margens do rio Ceará e ahi, proximo a sua foz, improvisa de taipa o fortim de S. Thiago, fundando ao mesmo tempo uma povoação que foi chamada de Nova Lisboa, distante legua e meia da actual capitania do Estado.

Ephemera e sem brilho havia de ser a vida desse reducto, testemunho mudo dos soffrimentos e das miserias dos primeiros colonizadores do Ceará.

Evacoado, em 1605, depois de ter servido de refugio aos expedicionarios durante mais de 18 mezes, cahiu elle em ruinas, desapparecendo sem deixar vestigios.

O fortim de S. Thiago vem desenhado na "Descripção do verdadeiro descobrimento e nova conquista do Rio Jaguaribe", de que já fallámos. Nesse mappa, que é por alguns erradamente attribuido ao proprio Pero Coelho, encontram-se consignados os seguintes nomes a começar do rio Tarari, caminhando do norte para o sul: rio Tarari (actual Trahiry) Barreiras, r. Siope (hoje S. Gonçalo), Pirangi, Nova Lxa, (Nova Lisboa), Forte de S. tiago, Sizrá ou Siará, P. de S. bartolomeu, que é o Mucuripe, etc.

Antonio Bezerra, estudando num artigo intitulado", "Duvidas Historicas", (R. J. do Ceará, Tomo IX-1897), pontos controvertidos da historia cearense, nega cathegoricamente a existencia em nossa terra, de um forte com o nome de S. Thiago.

"Si Pero Coelho, diz o autor citado, pag. 8, tivesse deixado algum forte no Ceará não é possivel que dentro de cinco annos, tantos são os que decorreram de 1603, quando se retirou para a Parahyba, a 1611, data da chegada de Martim Soares, tivesse

de todo desapparecido mesmo não se oppondo a isso os Indios, e parece que o novo capitão-mór, companheiro e auxiliar de Pero Coelho na primeira entrada dessas terras, conservaria o nome do estabelecimento fundado por aquelle que de feito era o chefe, e o habilitára a substituil-o no governo da Capitania.

E accrescenta: "Si figura em alguma planta antiga do Ceará o forte de S. Thiago, não passou da designação do local onde o primeiro capitão-mór pretendia edifical-o quando ali tornasse com mais recursos e mais fortuna.

As affirmativas de Antonio Bezerra não têm razão de ser. O mappa acima apontado — feito pelo autor da "Jornada do Maranhão", o menciona e depois é o proprio Martim Soares que nos diz, na sua autobiographia, ter levantado o fortim de S. Sebastião no mesmo local onde Pero Coelho, creara, annos antes, a povoação de Nova Lisboa.

IV

FORTIM DE N. S. DO ROSARIO

O fortim de N. S. do Rosario data de 1613.

Resolvida a incorporação definitiva ao dominio hespanho-portuguez das terras situadas ao norte da Ibiapaba, na posse effectiva dos francezes desde 1594, de Pernambuco partiu Jeronymo de Albuquerque para fundar no Ceará, bem proximo do inimigo um pequeno reducto que servisse de posto de observação e de base para se proceder á conquista da ilha de S. Luiz.

A Camucim, ponto designado pelo regimento para essa empreza, preferiu o capitão-mór, a ponta de Jericoacoara, chamada tambem Buraco das Tartarugas, situada a alguns kilometros

ao sul, por ser lugar mais ameno e rico de fructas e caça. (21)

Ali, a costa inflectia-se numa curva graciosa formando a enseada, onde podiam fundear, com relativa segurança, mesmo as maiores embarcações da epoca .Dominando o ancoradouro, projectava-se para o mar, a ponta das Tartarugas, o local escolhido e no qual levantou o capitão-mór um fortim de pau a pique a que deu o nome de N. S. do Rosario.

Depois de guarnecel-o com quarenta soldados e deixar por commandante do presidio a seu sobrinho Jeronymo de Albuquerque, adolescente cheio de valor e afoiteza, voltou Jeronymo de Albuquerque ao Recife em busca de refôrço.

A existencia desse reducto foi curta mas cheia de episodios de intensa dramaticidade.

Junto a seus muros desenrolaram-se luctas mortiferas entre luzitanos e naturaes; feriu-se, tambem ali, contra francezes, um sangrento combate em que o vigor das qualidades heroicas dos antigos portuguezes se evidenciaram sobejamente.

Entregue aos proprios recursos, depois da partida do capitão-mór da conquista, a pequena guarnição conheceu todos os padecimentos physicos e moraes e chegou a penuria extrema de se alimentar apenas de hervas bravas durante mezes seguidos.

A's necessidades de toda sorte, que a assediavam, veio juntar-se mais tarde o receio do ataque da indiada. Essa sabedora da difficil situação em que se encontrava o fortim, varias vezes tentou tomal-o de assalto.

Em principios de 1614, trezentos selvicolas se

---

(21)—O Pe. Claudio d'Abbeville, referindo-se ao cabo das Tartarugas, onde esteve de passagem, diz á pg. 53, de seu livro "Histoire de la mission des Péres Capucins en l'Isle de Maragnan": "Esse lugar é muito bonito e maravilhosamente agradavel, abundante de fructas e de caça".

abalançaram a esse intento sendo, todavia, repellidos com grande mortandade. (22)

Para remediar a tão tragica situação, despachou Gaspar de Souza, a quem chegára noticias das aperturas d'aquella gente, um caravellão com 30 homens, polvora, munições e mantimentos, sob o commando Manoel de Sousa d'Eça.

Os soccorros partidos de Recife a 28 de maio de 1614, chegaram ao seu destino a 9 do mez seguinte. Nove dias depois de desembarcada a tropa, foi o fortim de N. S. do Rosario atacado por uma náo franceza, a mesma que dias antes estivera em Mucuripe e tentara render o forte de S. Sebastião.

Os assaltantes eram em numero de 200.

Contra elles sáem em campo, para defesa do presidio, apenas dezoito portuguezes, tendo á frente Manoel d'Eça, o novo commandante do presidio, e Jeronymo d'Albuquerque, os quaes derrotam e repelem os assaltantes, matando-lhes dois homens e ferindo oito.

O numero de inimigos mortos, segundo a versão portugueza, elevava-se a 12, tendo havido cerca de 30 feridos.

Frustados, assim, os intentos dos inimigos, seguiram elles directamente para S. Luiz, seu ponto de destino.

A estrondosa victoria de Sousa d'Eça contra a gente de Du Plat, serviria bem para aquilatar-se do valor guerreiro dos luzitanos tão injustamente menoscabado, se mil outros feitos ainda mais gloriosos perpetrados aqui e alhures, não bastassem para attestal-o.

A historia deve, entretanto, guardar com carinho os nomes dos combatentes que tomaram parte nessa lucta memoravel. Nomes tirados do olvido

---

(22)—Barão de Studart — "Martim Soares Moreno, o fundador do Ceará". Revista do Inst. Tomo XVIII. Anno 1903.

pelo Barão de Studart e consignados num dos seus trabalhos historicos mais interessantes. (23)

Foram elles os capitães Manuel de Sousa d'Eça e Jeronymo de Albuquerque, alferes Christovam Sellares, sargento Balthazar Fernandes Barreiros e cabos Simão Fernandes Botelho, Manuel Dias Guoteres e Francisco de Araujo Moura.

O fortim do Rosario, simples acampamento de tropas, foi arrazado a 12 de outubro de 1614, por ordem do seu fundador, ao deixarem as plagas cearenses em demanda a Periá as tropas que iriam em breve se illustrar mais uma vez em Guaxenduba.

V

FORTIFICAÇÕES HOLLANDEZAS

Durante a primeira dominação neederlandeza no Ceará, levantaram os invasores algumas fortificações cuja historia está ainda por deslindar-se.

Os mappas contidos na obra de Barleus não as mencionam, nem dellas trata Gedion Morris em sua correspondencia epistolar com os chefes da Companhia das Indias Ocidentaes em Pernambuco, pelo menos na parte que chegou até nós. No diario de Mathias Beck, que tantas informações interessantes transmitte sobre factos aqui occorridos durante a estadia de seu autor, tambem nenhuma referencia se encontra a essas fortificações.

Por uma carta do Governador do Maranhão, André Vidal de Negreiros, datada de 3 de junho de 1856, (24) se conclue, porém, que elles tiveram um forte nas margens de Camucim, no mesmo local de-

---

(23)—Barão de Studart — "Dactas e factos para a Historia do Ceará". Fort., 1896.
Ceará". Vol. III. Fortaleza, 1910.

(24) — Doc. n. 214, publicado pelo Barão de Studart in

pois escolhido por aquelle governador para mandar levantar um pequeno reducto.

Nenhum documento conhecemos que esclareça a data da construcção do fortim hollandez. Parece, comtudo, provavel que elle começasse a ser edificado em 1641, epoca em que Gedion Morris, então governador do Ceará, partiu para o norte da Capitania em busca de pau violeta e outras riquezas da terra que podessem ser facilmente exploradas.

Sendo Camucim optimo porto, o melhor de todo o littoral cearense, com magnifica aguada e natural escoadoiro para os productos da Ibiapaba, deve ter desde logo despertado a attenção dos conquistadores batavos.

Ignoramos em absoluto quaes foram os beneficios tirados pelos invasores de taes obras de defesa fixa. São mudas as fontes historicas que consultamos a tal respeito. Sabemos apenas que em fevereiro de 1644 foi o fortim tomado pelos indios, tragedia cujos antecedentes merecem ser rememorados.

Vingando o levante portuguez no Maranhão e batidos os hollandezes pelas fôrças de Antonio Teixeira de Mello, viram-se elles obrigados a evacuar S. Luiz, fugindo por mar, para Pernambuco.

Os fugitivos conduziam comsigo, talvez pelo receio de que cahindo prisioneiros se bandiassem com o inmigo, o resto dos indios cearenses que Gedion Morris e depois Jacob Evans haviam levado á vizinha capitania em soccorro de seus patricios. De passagem pelo Ceará, fizeram elles desembarcar os gentios nas praias de Camucim, deixando-os ao abandono.

A ingratidão e o egoismo dos aventureiros batavos chocaram fundamente, o animo dos selvicolas que resolveram vingar-se. Concertado o plano, lançaram-se cheios de odio contra o forte de Camucim trucidando a pequena guarnição.

Capitaneava os assaltantes na occasião dessa terrivel vendicta Ticuna, principal dos indios de Camucim, o mesmo que, annos depois, em 1659, recebia da rainha regente para si e para seu filho Jorge Tagaibuna numerosas mercês por bons serviços prestados á causa luzitana.

Uma vez desaffrontados, pensaram os selvicolas em captar as bôas graças dos portuguezes, cuja colera justamente receiavam, communicando o occorrido a Antonio Teixeira que mandou tomar posse do reducto em nome do rei de Portugal.

Jericoacoara foi tambem fortificado pelos hollandezes ao se assenhorearem do Ceará, em 1637. Quando os indios revoltados atacaram, sob a direcção de Ticuna, o fortim de Camucim, massacrando os soldados ali destacados, identica sorte tiverem os da guarnição de Jericoacoara.

Commandou-o, durante algum tempo, Jacob Evans, que ao saber do levante dos lusos brasileiros no Maranhão, alistou indios da circumvizinhança e seguiu em auxilio de seus patricios, (25) indo perecer, com quasi toda a sua gente, na emboscada armada, no oiteiro da Cruz, por Antonio Teixeira.

Observa o Barão de Studart (26) que o Conde de Ericeira no 2º tomo de seu "Portugal Restaurado", Berredo, á pagina 402, dos "Annaes", frei Francisco de N. S. dos Prazeres, á pag. 70, da "Poranduba Maranhense", Varnhagen, a pag. 254, da "Historia das Luctas com os Hollandezes", João Lisboa, á pag. 164 do "Jornal de Timon", Theberge, á pag. 43, do "Esboço Historico", Teixeira de Mello, á pag. 121 das "Ephemerides Nacionaes", Mattoso Maia, á pagina num. 154, das "Lições de historia do Brasil", José Pompeu, á pag. 268, da "Chorographia do Ceará" e J. Catunda, á pag. 98,

(25)—Catunda — "Estudos de Historia do Ceará", pagina 97. Ceará, 1886.

(26)—Barão de Studart, "Datas e factos para a Historia do Ceará". Fort., 1896, pag. 60.

de " "Estudos da Historia do Ceará", collocam erradamente os assaltos dos fortes do Camucim e Jericoacoara em data anterior ao morticinio de Gedion Morris.

Com effeito, a revolta dos indios contra Gedion Morris occorreu em janeiro de 1614, ao passo que a tomada dos fortins hollandezes teve lugar quasi um mez depois, no dia 28 de fevereiro do mesmo anno.

VI

FORTE DE SCHOONENBORCH

Aperturas financeiras trouxeram novamente os hollandezes ao Ceará em 1649.

Apezar do regimen de saques e extorsões systematicamente por elles posto em pratica contra as populações ruraes da Colonia, a Companhia das Indias Occidentaes estava exhausta.

As continuadas hostilidades, que lhes movia o irredentismo pernambucano, arruinaram-na.

Do territorio sujeito a seu dominio, florescente outrora e agora transformado num immenso deserto coberto de ruinas fumegantes, não podia ella tirar mais proventos para reparar suas finanças.

A guerra movida pela Hollanda á Inglaterra tirara-lhe tambem, por outro lado, o auxilio monetario que a mãe patria lhe dava.

Afim de refazer seus thesouros e continuar a lucta no Brasil, appellaram os membros do Supremo Conselho do Recife, para a exploração de minas que julgavam abundantes no paiz conquistado e da qual esperavam poder retirar grandes proveitos.

Após baldadas tentativas de mineração feitas em Sergipe, Parahyba e Rio Grande do Norte, passaram ao Ceará, donde, por intermedio do indio Gaspar Paraupaba, lhes viera a noticia da existencia de ricas jazidas de minereos preciosos.

Para explorar a região, mandaram primeira-

mente tres companhias de soldados brancos que foram perecer miseravelmente ás mãos dos tapuias. (27)

Commettido, depois, a empreza a Mathias Beck, partiu elle do Recife a 20 de março, com 3 hiates e dois barcos menores, tripulados por 298 homens, indo ancorar na Bahia de Mucuripe, a 3 de abril de 1649.

Acolhido com sympathias, entrou Mathias Beck em relações amistosas com os naturaes, e com elles passou a explorar a costa, desde o Mucuripe até á barra do Ceará, a procura de um local apropriado para o forte que vinha fundar.

Sua escolha recahiu no morro denominado Marujaitiba, pelos indigenas, e situado á margem esquerda do rio Pajehú.

A nove, do dito mez, quatro dezenas de soldados começaram a limpar o terreno para que o engenheiro Ricardo Caar fizesse o traçado das fortificações. A construcção deligentemente começada no dia immediato, por duas esquadras de 20 soldados, que todos os dias se revezavam por ternos de esquadras, ficou virtualmente concluida no dia 22. Faltava apenas o portão e duas baterias para pol-as em completo estado de defesa.

O novo reducto hollandez era de dimensões exiguas apezar de destinado a servir de ponto de partida para um movimento de penetração, que visava garantil-os na posse definitiva da terra. Não possuia siquer capacidade para conter toda a tropa aqui destacada e bem longe estava de ter sido feito "com todas as regras da arte de fortificar" como sustenta sem razão plausivel um dos nossos eminentes escriptores. Nelle não havia latrinas o que obrigava a deixar-se durante a noite aberto o portão afim de que os soldados podessem entrar e sahir.

---

(27)—Carta do Conde de Villa Ponca, datada de 18 de junho de 1649 e pertencente ao archivo do Barão de Studart.

Não obstante a vigilancia continuada dos Hollandezes, ainda não esquecidos dos sangrentos successos de 1644, representava isso um sério estorvo á segurança do forte. Para sanal-o, resolveu Mathias Beck, com a annuencia do major Gartsman que, dias antes, assumira o commando da guarnição do Ceará, ampliar o fortim e refoçar tambem ua obras de defesa.

Ouvido o conselho de guerra, convocado extraordinariamente para deliberar sobre o assumpto e ao qual compareceram todas as pessoas gradas da Capitania, foi elle de parecer que os melhoramentos deviam ser executados.

As novas obras de fortificação, cuja planta foi tambem delineada pelo engenheiro Caar, tiveram inicio a 19 de agosto de 1649.

Para alguns historiadores, João Brigido e Candido Mendes, entre outros, o forte que teve o nome de Schoonenborch, em honra ao governador hollandez residente em Pernambuco, não passou de um projecto que nunca chegou a realizar-se.

A traducção do Diario de Mathias Beck, feita pelo dr. Alfredo de Carvalho, erudito pernambucano, cujos escriptos tanto enriqueceram e opulentaram a historia do Nordeste brasileiro, não deixa porém subsistir duvidas a tal respeito.

O forte foi erigido.

Delle existe mesmo uma planta levantada em abril de 1649 e cujo conhecimento, no Brasil, se deve ao dr. José Hygino Pereira, outro benemerito da historia nacional.

Do original desse optimo trabalho cartographico, ora recolhido ao Real Museu de Munich, deu-nos tambem noticia Varnhagen na sua "Historia das luctas com os hollandezes".

Na planta que comprehende desde a Bahia Mucuriba (Mucuripe) n. 1, até o Monte Maragoa, n. 30, se vêem os regatos "Marajaik, depois "Ipojuca", "Telha" e actualmente "Pajehú", "Tripoig"

("Jacarecanga"), a barra de "Itarema" (barra do Ceará) a cuja margem direita estão o fortim portuguez de S. Bastião e as casas de Francisco Aragiba e Carajá, chefes indigenas.

Estendendo-se além, abrange elle o monte "Itarema (serra da Taquara), onde os hollandezes se entregaram a explorações mineralogicas, das quaes ainda hoje guardam vestigios, os riachos "Piyotu" e "Piaroba", a lagoa de "Inboduaponga", que não é outra senão a lagoa de Arronches ou Porangaba, a lagoa Monduig" (Mondubim), o riacho "Itapoba" (o Siqueira), uma legua além do qual se bipartia o caminho seguindo um para "Itarema" e o outro para "Pirapedobe" (Pirapora) ao sopé da Serra de "Maragôa" (Maranguape) e o riacho "Itarema Igevab".

As lettras A. B. C. D. E. F. e G., na planta, representam, respectivamente, o Forte de Schoonenborch, o alojamento de Mathias Beck, o armazem guarnecido de paliçadas, o antigo armazem chamado quartel, o antigo alojamento de Beck, o antigo armazem e o novo caminho por onde da praia eram transportados os viveres para o Monte.

O forte de Schoonenborch e edificios annexos foram, como diz o Barão de Studart, a coisa unica legada ao Ceará pelos Hollandezes da expedição de 1649, pois que nada ou muito pouco conseguiram das explorações feitas em Itarema, Maragoaba e Upuapaba.

Sua acção ethnica foi aqui igualmente nulla.

* * *

A capitulação de Taborda (1654), pondo fim ao dominio dos Hollandezes em Pernambuco e regiões vizinhas, expulsou-os tambem do Ceará.

Volvida a Capitania á soberania de Portugal, após uma lucta que tanto sangue e tanto oiro custára aos contendores, trataram logo os luzitanos de

mudar o appellativo que na terra cearense perpetuava uma victoria das armas inimigas.

Alvaro de Azevedo Barreto, a quem coube substituir Mathias Beck e receber as posses que os batavos tinham na Capitania, escolheu para substituir o nome do governador hollandez com que se chrismara o fortim, o nome de um santo, e o pequeno forte de Schoonenborch passou a chamar-se desde então de fortim de N. S. d'Assumpção.

Trazendo á sua ordem para guarnecer o presidio quatro companhias de soldados e duas de indios e pretos, (28) serviu-se dellas o capitão-mór para reparar o forte e dar inicio á construcção de uma pequena ermida. (29)

No anno seguinte, André Vidal de Negreiros, dando conta a El-rei do estado em que se encontrava a Colonia, diz ter tido informações de Alvaro de Azevedo Barreto e Domingos de Sá Barbosa, successor d'aquelle, que as obras de defesa fixa do Ceará estavam muito deterioradas e em local improprio. Pedia, outrosim, o governador que ellas fossem reedificadas de pedra e cal em outro ponto do littoral. (30)

O pedido do governador do Maranhão foi bem acolhido pelo rei e teve parecer favoravel do Conselho de Estado.

Em ordem régia de 27 de julho de 1656 mandou

(28)—No requerimento em que Alvaro de Azevedo Barreto pede satisfação de seus serviços, datado de 13 de fevereiro de 1659, se allude apenas a 4 companhias de soldados.

(29)—O requerimento já citado de Alvaro de Azevedo Barreto não fala na construcção de nenhuma ermida; o facto é, porém, mencionado por quasi todos os que se occupam da historia do Ceará.

(30)—Por esse documento se vê que as condições de vida dos soldados destacados no Ceará em nada melhorara com o correr dos annos. A guarnição que era então de duzentos homens viria desamparada de tudo. Não havia na Colonia um medico, nem padres, nem artifices. Faltavam mantimentos e munições e os indigenas não podiam cultivar o solo por falta de ferramentas.

S. M. que Vidal de Negreiros fizesse construir um forte de pedra e cal ou mesmo de madeira em sitio que lhe parecesse mais proprio. Observa, porém, a carta régia que o velho fortim de N. S. d'Assumpção devia ser conservado e que o "forte novo não tenha mais fabrica e capacidade que para a defesa da infantaria que nelle ouver de residir, e ministros do Evangelho e offensa dos inimigos, naturaes e extrangeiros que não poderão ser em grande numero."

Como tantas outras, as ordens dadas a André Vidal, relativas ao levantamento de novas defesas, não foram postas em execução. E o Ceará continuou amparado apenas por um reducto em ruinas.

De 1654 a 1813, quando se desmoronou foi a fortificação cearense renovada um grande numero de vezes.

Feita de madeira, como quasi todas as obras militares de defesa que perlongavam o littoral nordestino, é natural pouco podesse resistir á acção hostil do meio.

Entre os que no correr do seculo XVII, melhoraram a fortaleza de N. S. d'Assumpção, renovando-a ou ampliando-a, figuram, além de Manoel Carvalho Fialho (1662), João Tavares de Almeida (1666), Bento Corrêa de Figueiredo, João de Barros Braga e Sebastião Sá, o homem que, na opinião dos que pleiteavam os direitos do Rio Grande do Norte na celebre questão de Grossos, nunca teve existencia real.

Sendo em 1684 provido pela 2.ª vez no posto de capitão-mór do Ceará, fez Sebastião Sá reconstruir as obras externas da fortaleza, que estavam por terra, e reparou tambem a pequena capella a esse tempo completamente desmantelada. (31)

(31)—Veja-se a carta patente de 13 de outubro de 1680, nomeando Sebastião Sá para capitão-mór do Ceará e cuja publicação foi feita pelo Barão de Studart, na "Revista do Instituto do Ceará".

Junto a fortaleza de N. S. da Assumpção, "debaixo das armas d'El-rei", teve lugar, nos primeiros dias do seculo XVIII, um acontecimento de grande importancia para a vida social da terra.

Foi erecta, sob o nome de villa de S. José de Ribamar a 1ª villa do Ceará. Veio ella congregar o povo que vivia disperso pela vizinhança do presidio ou retirado em suas fazendas de gado do interior, dando-lhe agora o direito de collaborar na administração da Capitania, até então exercida unicamente pelos capitães-móres, autoritarios e violentos.

A população do Ceará crescera com rapidez depois de 1660. Em 1699, era avaliada, por Pedro Lelou, em duzentos moradores. Alguns annos depois, ainda no começo do seculo XVIII, todas as ribeiras da região eram conhecidas e povoadas.

Em 1708 aqui veio por ordem de Sebastião de Castro Caldas o engenheiro Diogo da Silveira Vellozo para examinar o forte e fazer um projecto para reedifical-o de pedra e cal.

A planta desenhada por Silveira Vellozo foi remettida para Lisboa pelo governador de Pernambuco e sobre ella deram parecer desfavoravel o professor Domingos Vieira e o tenente-general Miguel Pereira da Costa, o que custou a demissão do autor do lugar que occupava em Pernambuco e sua chamada ao Reino para melhor estudo. (Barão de Studart).

Em 1629, cumprindo determinação regia, mandou Duarte Sodré Pereira ao Ceará uma commissão composta do tenente-general João de Macedo Côrte Real e o sargento-mór de engenheiro, Diogo da Silveyra Vellozo, com o mesmo fim.

A commissão, que não chegou a pôr os pés em nossa terra, foi contraria á construcção de uma fortaleza de pedra e cal no Ceará, e em seu parecer disse que as grandes despezas a que seria obrigada

a fazenda real com tal obra, não se justificava deante da pouca importancia da Capitania.

Opinava, todavia, que se concertasse o fortim existente, reconstruindo-o de madeira mais solida do que a carnahuba até então empregada nesse mistér.

O fortim que tinha sido reparado mais uma vez em 1716 em 1745, soffreu outros melhoramentos, ordenados pela provisão de 24 de setembro de 1745. (32)

O ultimo documento, que conhecemos, relativo ao fortim de N. S. de Assumpção, data de 19 de janeiro de 1790. E' uma carta da Real Fazenda de Pernambuco, autorizando o provedor da Capitania do Ceará Grande a mandar fazer uma estacada para as peças de artilharia da fortaleza que estavam desmontadas e não podiam funccionar.

Não apuramos se taes melhoramentos foram ou não effectuados. O certo é que 20 annos mais tarde estava ella reduzida a uma pequena bateria a desmoronar-se.

Essa bateria figura aliás no "Prospecto da Villa de Fortaleza de N. S. d'Assumpção ou Porto do Ceará", desenhado por ordem de Barba Alardo de Menezes, em 1811, com o nome de "Fortaleza".

VII

FORTIFICAÇÕES DO CAMUCIM

As primeiras obras de defesa fixa, construidas nas praias de Camucim, foram, como vimos, contemporaneas da invasão hollandeza de 1637.

Vinte e quatro annos antes, já os Portuguezes haviam querido fortificar a região sem, todavia, levarem avante o seu intento.

(32)—Barba Alardo de Menezes — "Memoria sobre a Capitania do Ceará, de 18 de abril de 1814", na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Tomo 34.

Nessa epocha, vindo Jeronymo de Albuquerque ao Ceará com a missão de estabelecer portos avançados para a conquista do Maranhão, trouxera ordem de assentar no foz do então chamado rio da Cruz um forte ligeiro. Camucim, talvez pela sua situação topographica, não agradou ao Capitão-mór da conquista e foi por elle abandonado após ter ali feito com sua tropa uma curta estadia. Em 1656, André Vidal de Negreiros, receioso de que o Principal Algodão, que emigrara pouco antes das margens do Ceará para a barra do Camucim, levantasse contra os brancos os naturaes d'aquelle lugar, resolveu guarnecel-o com 4 boccas de fogo de 6 libras, servidas por 25 soldados e um ajudante.

As fortificações a serem ali estabelecidas não se destinavam apenas, rezam escriptos da epoca, a manter em respeito os selvicolas cearenses.

A enseada de Camucim era o ponto de arribada preferido pelos corsarios extrangeiros, que traficavam nas costas nordestinas do Brasil e a edificação d'aquelle reducto visava, outrosim, garantir a segurança da costa e o livre transito pela estrada que ligava o Ceará ao Maranhão, assegurando, d'est'arte, o commercio portuguez de páo violeta e de ambar gris no norte da Capitania Martins Soares.

O Pe. Antonio Vieira, na "Relação da Missão da Serra da Ibiapaba", dá a entender que o forte do rio da Cruz não chegou a ser edificado.

Affirma o Padre, naquelle seu escripto, que uma sumaca despachada pelo Governador André Vidal de Negreiros com materiaes e instrumentos necessarios ao fabrico da fortaleza, teve de arribar á São Luiz, seu ponto de partida, após cincoenta dias de lucta continua contra o mar e contra os ventos adversos, sem ter logrado alcançar o porto de destino.

Não menos suggestiva, nesse particular, é a carta que o Pe. Vieira endereçou ao Provincial Pe. Ricardo Careu. Referindo-se ao reducto do rio Camucim, diz elle, em 10 de junho de 1658: "a esta

fortaleza *se hão de fazer no principio do anno q'vem*, em q'são as monções".

Alguns documentos seiscentistas contradizem, todavia, as informações deixadas pelo Pe. Vieira, indicando claramente que o fortim em aprêço não ficou apenas em projecto.

Que o edificio foi pelos menos iniciado, parecem indical-o o despacho regio, datado de 13 de Junho de 1656, mandando agradecer a André Vidal a construcção de um forte no rio da Cruz e a ordem regia, de 17 de outubro de 1656, ordenando o proseguimento dos trabalhos de levantamento do forte de Camucim, abandonado em virtude das pazes firmadas pelos portuguezes com o principal Algodão.

Convem observar de passagem, que nos informes prestados ao Pe. Estevam Gandolfi, vice-reitor do Collegio de S. Luis, a respeito da navegabilidade das Costas do Maranhão, o Pe. Pedro Pedroso sustenta em 1682 que o forte, cuja construcção foi ordenada pelo Governador do Maranhão, em 1655, devia ser feito em Jericoacoara e não em Camucim.

Como quer que seja, o certo é que em 1687, o rio Camucim estava de novo completamente desguarnecido. E' pelo menos isso que se depreende dos dizeres da missiva enviada, com data de 8 de Julho de 1687, por Gomes Freire ao seu successor Arthur de Sá Menezes e cujo theor é o seguinte:

"Ao Rio Camossim vêm tambem os estrangeiros a comerciar, com mais frequencia, que em nenuhm outro Porto, he muito conveniente fortificar este por estar em cittio sadio, fertil, e com todas as conveniencias necessarias para se poder Povoar e deffender tendo para os navios huma bôa Bahia".

VIII

FORTIM DO JAGUARIBE

O chamado presidio do Jaguaribe foi erigido

em 1696, por ordem de Caetano de Mello de Castro, governador de Pernambuco.

Na historia colonial do Ceará, o baixo Jaguaribe se destaca como o scenario predilecto de luctas as mais asngrentas entre gentios carirys e os conquistadores portuguezes.

Os "Potiguares" que ao tempo do inicio da colonização do Brasil tinham expulsado para o interior as hordas adversas dos carirys, haviam, por sua vez, cedido á pressão constante dos *Paiacús*, transferindo suas tabas mais para o norte da Capitania do Ceará.

Novamente senhores da região, moviam aquelles tapuias crúa guerra aos portuguezes.

Nem os massacres e perseguições ordenadas contra elles pelos capitães-móres do Rio Grande e do Ceará, nem as medidas de ordem politica determinadas na carta régia de 6 de março de 1694 ao capitão general de Pernambuco, conseguira domal-os.

De quando em vez, sahindo do imo das caatingas derramavam-se pela marinha, cahindo de improviso sobre os colonos e talando a região.

A rebellião dos *Paiacús* e *Jandoins*, que occorrera oito anos antes, em 1688, no governo do capitão-mór Luiz da Fonseca, durava ainda arruinando as duas capitanias vizinhas do Rio Grande do Norte e Ceará.

No intuito de por termo a esse estado de coisas, pacificando os indios, foi que Caetano de Mello mandou situar o Presidio da Ribeira do Jaguaribe. Essa fortaleza devia tambem manter em respeito os selvicolas e servir de guarida aos portuguezes em caso de ataque.

Afim de cumprir as ordens do governador, partiu de Fortaleza, no dia 25 de março de 1696, com 500 homens, o capitão-mór Pedro Lelou, tornado, mais tarde, tristemente celebre pelas injustas perseguições que, de parceria com Moraes Navarro,

moveu contra os *Paiacús* mansos do rancho de Mathias Pecco.

Foi seu primeiro capitão o ajudante João da Motta, nomeado pelo capitão general de Pernambuco e confirmado nesse posto por carta régia de 9 de setembro de 1696.

Homem affeito ás luctas de emboscada e senhor de todas as manhas dos gentios, fez João da Motta vingarem facilmente os intuitos do governador. Nesse mesmo anno os *Paiacús* se aldeiaram sob a direcção do padre João da Costa no lugar chamado Araré, perto do Aracaty, voltando a calma a região.

João da Motta foi substituido no commando do fortim por Belchior Pinto, em janeiro de 1699. No anno anterior a fortaleza tinha sido completamente reformada por João de Barros Braga.

Nenhum documento até o presente conhecemos que informe quando foi abandonado esse fortim. Sabemos, porém, por um memorial endereçado ao rei pelo senado da camara de S. José da Ribamar, em 1713, que elle cahiu mais tarde duas vezes em poder dos indigenas revoltados e que sua construcção se fez graças aos recursos pecuniares e materiaes fornecidos pelos moradores da ribeira do Jaguaribe.

IX

FORTIFICAÇÕES DO MUCURIPE

As mais antigas fortificações de pedra e cal levantadas no Mucuripe, ponta situada a legua e meia ao oriente da cidade de Fortaleza, são do tempo de Bernardo Manoel de Vasconcellos, primeiro governador do Ceará independente de Pernambuco.

Já muito anteriormente se comprehendera, porém, a necessidade de defender a enseada de Mucuripe cuja ancoradouro constituia seguro abrigo pa-

ra os barcos que cruzavam as costas da Capitania. (33)

A prioridade da idéa de fortificar essa região cabe a Fernão Carilho, que governou o Ceará em 1694 e 1699. Achando-se elle na Metropole em 1696, pugnou valentemente pelo artilhamento d'aquella ponta, fazendo vêr as vantagens que disso adviriam para a segurança da terra.

Quarenta e nove anos depois, em 1745, foi apresentado á côrte de Lisboa o projecto de um forte para Mucuripe que não foi, todavia, mandado executar.

Em 1802 era aquella ponta guarnecida por 3 batrias sob os nomes de: Materia de S. Pedro Principe, Bateria da Princesa Carlota e Bateria de São João Principe, e por um pequeno forte chamado de São Bernardo do Governador.

Completavam as obras de defesa, o paiol da Polvora, o Armazem dos Petrechos pertencentes ás Baterias, e os quarteis, da Companhia de Artilharia, localizado junto á Bateria de São Pedro Principe, e da Infantaria, situado um pouco para o nascente.

Havia tambem, conforme se vê da "Planta do Porto de Mucoripe da Capitania do Seará Grande", confeccionado em 1801, e cujo original pertence á collecção Studart, uma cisterna coberta para uso da tropa ali estacionada.

No "Prospecto da Villa da Fortaleza de Nossa Senhora d'Assumpção ou Porto do Ceará", tirado, em 1811, por ordem do governador Barba Alardo de Menezes, figuram defendendo Mucuripe quatro fortins, mas apenas tres são na legenda a saber: o

(33)—Nelle fundearam as caravellas de Jeronymo de Albuquerque e de Diogo de Campos, as esquadras de Gartsman e Mathias Beck, as expedições de Caldeira Castello Branco e de Daniel de Lá Touche, sem fallar no navio de Du Prat, e nas naus avulsas de corsarios e flibusteiros que ahi lançaram ferro.

forte de S. Bernardo (escripto forte de Bernardo no mappa original), o forte de S. João do Principe e o forte da Princesa Carlota (graphado ali apenas com o nome de forte da Carlota). Ha mais um edificio, marcado na legenda com a denominação de "Quartel do Mocuripe". (34)

Nesse interessante documento apparece, outrosim, assignalado, proximo á Fortaleza de N. S. da Assumpção, um fortim chamado naquella epoca "Reducto da Prainha" e que era, segundo João Brigido, guarnecido com duas peças de pequeno calibre.

A "Carta da Capitania do Ceará", levantada por determinação do governador Manoel Ignacio do Sampaio, pelo tenente-coronel Antonio José da Silva Paulet, em 1818, não traz mais indicado o reducto da Prainha e em lugar dos fortes de Mucuripe ha penas a palavra "Baterias".

A "Carta Geographica do Ceará", de M. Schwarzmann e M. Le Chev. de Martins (1831) assignala apenas a existencia de um forte ao poente de Mucuripe.

Desguarnecidas no tempo da Regencia, quando foi promulgada uma lei mandando desarmar quasi todas as fortalezas do Imperio, cahiram as baterias em ruina, sendo depois soterradas pelas dunas litoraes.

X

FORTALEZA DE N. S. DA ASSUMPÇÃO

A Fortaleza de N. S. da Assumpção, tal como a conhecemos hoje, é, salvo ligeiras modificações e reformas posteriormente introduzidas, obra do tenente-coronel de engenheiros Antonio José da Silva

(34)—Segundo João Brigido, o quartel do Mucuripe, mandado construir em 27 de maio de 1801, pela junta da fazenda e concluido em 6 de setembro de 1802, custou a quantia de 545$000, somma assás elevada para a epocha.

Paulet e data da administração de Manoel Ignacio do Sampaio, primeiro visconde de Laçada.

Os fundamentos do edificio foram lançados solennemente pelo governador em 12 de outubro de 1812, no local onde se erguera outr'ora o forte de Schoonenborch. (35)

A obra foi feita principalmente com donativos de particulares, angariadas pelo governador Sam-

(35)—Foi o seguinte o auto de demarcação:

"Auto de demarcação para a edificação da Fortaleza de N. S. d'Assumpção. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e doze aos doze dias do mez de outubro do dito anno n'esta villa de Fortaleza de N. S. d'Assumpção Capitania do Ceará Grande e sendo presente o illmo. Governador desta Capitania Manoel Ignacio de Sampaio e sendo ali presentes o dr. Juiz de Fóra, presidente José da Cruz Ferreira e os mais vereadores, o capitão João Ferreira Gomes, o capitão Francisco Alves Pontes, Manoel Ferreira Guimarães e o procurador José Antonio Machado, nobreza e povo desta Villa em memoria do anniversario do serenissimo Senhor Principe da Beira, o Snr. D. Pedro de Alcantara, lançou o Illmo. Governador desta Capitania perante toda a Camara, nobresa e povo do fundamento da Fortaleza que se vae edificar nesta mesma villa, para o que o mesmo Illmo. Governador tomou uma enxada, cavou e deo trez enxadadas na terra, desta fórma dando principio a edificação da dita Fortaleza no mesmo sitio em que havia a dita bateria, cuja fortificação é um quadrado fortificado, segundo as dimensões da fortificação pequena real, de que alinhada do censo é quatrocentos palmos, medida portugueza, qual fortaleza ha de conter quatro baluartes o da parte do nordeste ha de ter a invocação de N. S. d'Assumpção, o da parte do sueste a invocação de S. José, o da parte norueste o Senhor Dom Pedro, Principe Regente da Beira o Senhor Dom Pedro d'Alcantara, sendo architecto o engenheiro da mesma Fortaleza o tenente-coronel de engenharia Antonio José da Silva Paulet. Declaro que a bateria era a antiga. E para constar fiz este auto em que assignou o mesmo Governador e o Dr. presidente e mais vereadores e eu Joaquim Silvestre da Fonseca Prata, escrivão que o escrevi. — Manoel Ignacio de Sampaio, José da Cruz Ferreira, João Ferreira Gomes, Francisco Alves Ponte, Manoel Ferreira Guimarães e José Antonio Machado. — (Coll. Studart. Vol. 6°)

paio e por seu antecessor Barba Alardo de Menezes, a quem, no pensar de João Brigido, pertence a idéa de reedificar a Fortaleza.

Dispendeu-se com os trabalhos de edificação a quantia de 20:362$390, afóra 16:103$267, de donativos, o material fornecido gratuitamente por alguns cidadãos e o serviço prestado voluntaria ou forçadamente, não só por estes como por seus escravos. (36)

A mais importante das offertas em dinheiro, feito de uma só vez, foi a de 700$000, subscripto pelo capitão-mór dos Inhamuns José Alves Feitosa.

Essa geenrosidade lhe valeu o ser agraciado com o habito de Christo. (37)

Ao rev. Vigario da Freguezia de Russas, José Bernardes da Fonseca Galvão, cabe, porém, o merito de ter sido o maior doador.

Em differentes occasiões fez elle vultosas dádivas num total de 717$620, tendo igulamente, destinado para o mesmo fim todas as suas congruas, emquanto durassem as obras.

Em aviso de 23 de setembro de 1816, o marquez d'Aguiar, ministro e secretario de Estado e Encarregado dos negocios Estrangeiros e da Guerra, communicou ao Governador da Capitania do Ceará, Manoel Ignacio de Sampaio que merecera a approvação de S. A. R. o Principe Regente o particular cuidado, que elle tinha tido nas fortificações d'aquella villa. (38)

No anno seguinte, em 1817, foi collocado na

---

(36)—Barão de Studart — "Datas e factos para a Historia do Ceará". I vol., 1896.

(37)—Uma relação das pessoas que contribuiram com donativos para a construcção da nova fortaleza do Ceará, foi publicada por Eduardo M. Peixoto, no Tomo XIX da Revista do Inst. do Ceará,pgs. 303 a 311.

(38)—Eduardo M. Peixoto. "A Fortaleza de N. S. da Assumpção". R. do Inst. do Ceará. Tomo XIX. Anno 1905.

parte extrema das muralhas norte da fortaleza, uma lápide (39) com a inscripção que se segue:

ANNO 1817

Informem Montem me derisere Carinae:
Nunc Arcem magnam respetu longe pavescunt.
Hic me Sampayus, Sexto Regnante te Joanni,
Fundavit pulchram: Paulete cura refulgit.
Muris me fortum reddunt civilia dona;
Armis me fortem dispendia Regis.

(Costa Barros, ff. cit.)

ANNO DE 1817

"As naus escarneciam de mim quando eu era um monte informe; agora, que sou uma grande fortaleza, de longe tomam-se de respeito. Aqui, reinando D. João VI, Sampaio me fundou bella, o engenho de Paulet resplandesce. Os donativos dos cidadãos me tornam forte pelas muralhas, e os despendios reaes me fazem forte pelas armas."

Costa Barros, fez. (40)

Pelo Aviso de 20 de fevereiro de 1821 o Conde de Palmella determinou ao Governador Francisco Alberto Rubim que proseguisse com maior actividade e désse fim á Fortaleza, principiada pelo seu antecessor Manoel Ignacio de Sampaio e Antonio J. da Silva Paulet, seu ajudante de ordens, devendo dar conta do adiantamento.

Rubim accusou o recebimento do aviso em officio n. 54, de 21 de abril do mesmo anno. Dizia que eram precisos, para ultimar as obras 200$000, quantia que devia ser abonada pela Real Fazenda da Ca-

(39)—Essa lapide, removida cem annos depois pelo sr. cel. Bentemuller, acha-se hoje no frontispicio de um coreto existente no pateo da antiga fortaleza.

(40)—Trad. de Paulino Nogueira. Op. cit. p. 125.

pital, visto como o dinheiro aos donativos estava quasi findo.

Outrosim fazia ver que a Provincia não tinha rendas para pagar a guarnição necessaria, não se falando na despeza precisa para as Peças de Artilharia e seus apetrechos.

Diz João Brigido que os trabalhos de construcção do forte começado no governo de Sampaio ficaram concluidos em 17 de agosto de 1822.

Essa informação subscripta tambem por Antonio Bezerra Pompeu e Paulino Nogueira, carece, a nosso vêr, de fundamento.

Infirmam-na, com effeito os dizeres de um officio dirigido, em 9 de agosto de 1825, pelo coronel Paulet ao marechal Manuel de Sousa Roma e que se encontra collado ao verso da "Planta da Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção da Capitania do Ceará Grande. (41)

(41)—Esse documento que figurou sob o n. 1122, no Catalogo da Exposição de Cartographia Nacional (1903-1904) é assim concebido:

"Illmo. Sns. Tenho a honra de levar á presença de V. Exa. a Planta da Fortaleza de N. Snra.. d'Assumpção, projecada e *em parte* já desempenhada, na capital da Provincia do Ceará.

E' um quadrado fortificado e acomodado ás circumstancias do terreno; bate perfeitamente com duas ordens de fogo cruzado o ancoradouro e Porto, que conduzem da Praia para a Villa (actualmente cidade de Fortaleza). A frente do mar está completamente acabada da parte do Nascente até junto dos Quarteis da tropa, os quaes já existiam quando se formou o Projecto e por essa razão se não achão situados em semetria com os lados da Fortaleza".

A fortaleza de N. S. da Assumpção apresentava, nessa época, a fórma de um quadrado tendo dispostos sobre os angulos quatro baluartes. Sua linha de defesa media apenas 100 pés ou sejam 33 metros de comprimento e era fortalecida por 27 canhões.

Os quatro baluartes, que a guarneciam, receberam os nomes de N. S. da Assumpção, o do Norte, de S. João, o do Sudeste, de D. João, o de Nordeste e, finalmente, do Principe da Beira, o de Sudoeste.

O edificio idéado e construido por Silva Paulet não resistiu largo tempo ás injurias do meio.

Em 1847, se achava quasi em ruinas, sendo necessarios recompol-o, conforme declaração feita no relatorio da guerra d'aquelle anno.

Por aviso circular do Ministerio da Guerra de 11 de fevereiro de 1857, publicado na Ordem do Dia do Exercito n. 3, de 24 do mesmo mez e anno, passou essa fortaleza a fazer parte das fortificações de 2ª classe a que continuava ainda a pertencer em 1880.

Sua artilharia compunha-se então de 29 peças montadas, sendo 23 peças de alma lisa e 6 canhões de bronze raiados, calibre 12 systema da Hitte. Das peças de alma lisa 4 eram de calibre 25, 2 de 18, 9, de 12, 5 de 6 e 6 de 3. (B. de Studart).

Na administração do conselheiro Padre Vicente Pires da Motta (1856) fizeram-se preparos e concertos no paiol da fortaleza para servir a um sentenciado á morte, vulgo João Chico, que na cadeia publica desta capital praticára horrorosa carnificina, mas este criminoso não chegou a lá entrar porque teve de seguir logo ao seu terrivel destino, ao Ipú, onde foi executado. (P. Nogueira).

Em 1862, ao tempo da famigerada questão Christie, estavam as obras de defesa fixa de Fortaleza novamente a necessitar de reparos inadiaveis.

Dessa epoca até 1910, quando foi desarmada, a historia da fortaleza de N. S. d'Assumpção, escripta nos relatorios da guerra e ordens do dia do Exercito se arrasta monotona e apagada. E' a historia dos melhoramentos feitos em 1862 e 1875 e das obras nelle realizadas em 1883 e 1886.

Na integra transcrevemos a descripção que fez Antonio Bezerra do estado da fortaleza, em 1895:

E' uma fortaleza de pedra, tijolo e cal, com duas baterias dispostas em andares, e uma bateria a cavalleiro; a 1ª bateria a barbeta com dois angulos, um do lado de L. e outro de O. e um corpo central formando um andar de duas braças e oito palmos

de largura a roda da 2ª bateria; a 2ª bateria com dous angulos e um corpo central, tudo correspondente a 1ª bateria: angulo de L. com quinze braças e nove palmos de comprimento com quatro canhoneiras: lado N. com vinte braças e seis palmos de comprimento, bateria e barbeta: lado reintrante ao O, com oito braças e tres palmos de comprimento com tres canhoneiras: lado do S. com cinco braças e tres palmos de comprimento, fechado por uma bateria a cavalleiro: corpo central com trinta e uma braças e sete palmos de comprimento, bateria a barbeta: angulo de O. lado reintrante com seis braças e oito palmos de comprimento, com tres canhoneiras: lado de N. com cinco braças e tres palmos de comprimento, bateria a barbeta: lado de O com quatorze braças e quatro palmos de comprimento, bateria a barbeta: lado S. com vinte e duas braças e seis palmos de comprimento, fechado por um muro na altura de parapeito, bateria a cavalleiro sobre o angulo de L. da 2ª bateria de forma trapezoidal, com seis braças e cinco palmos tanto no lado de L. como de O. e oito braças e tres palmos de largura media entre as duas outras faces. Confrontações. Confina pelo N. com a costa; ao S. com o Quartel da tropa de 1ª linha; a L. com a praça do mesmo Quartel; ao O. com a praça da Polvora. Valor — Foi avaliado em 3 de março de 1858, perante o Juiz dos Feitos da Fazenda, em 125:000$000.

Em 1906 essa obra, de massiça construcção, tinha as suas muralhas ainda bem conservadas, assim como seu paiol de polvora, conforme se vê do relatorio da Guerra desse anno.Entretanto, na opinião do ministro, exigia elle alguns reparos indiaveis. (42)

---

(42)—Annibal Amorim. "Historia das Fortificações do Brasil". Bol. do Estado Maior do Exercito. Vol. X. Novembro de 1915.

Alguns annos depois, estando no commando interino do 46 B. C. o capitão Beltrão Castello Branco, mandou collocar na entrada de um desvão existente ao pé da muralha da fortaleza e que servia em tempos de paiol de polvora, uma placa commemorativa com os seguintes dizeres:

Aqui gemeu longos dias D. Barbara de Alencar victima em 1817 da tyrannia do governador Sampaio.

Perpetuava assim aquelle militar na pedra uma falsidade historica bebida por Theberge nas lendas populares e defendida com aferro por João Brigido. (43)

Tal erro foi em bôa hora desfeito pelo desembargador Paulino Nogueira (44), um descendente daquella illustre matrona, que, com justiça rehabilitou tambem a memoria de Ignacio do Sampaio. (45)

Em 1917, quando a Guerra Européa ia na sua phase mais aguda e o Brasil nella entrava ao lado dos Alliados, foi o forte guarnecido pela 1ª bateria independente do 3º districto de Artilharia de Costa, sob o commando do capitão Bernardino Chaves, que pouco se demorou no Ceará.

---

(43)—"Constituição" n. 24, de 27 de fevereiro de 1876.

(44)—Chegaram os presos sem novidade a S. Bernardo, donde foram remettidos para o Ceará. Ahi Sampaio *prendeo-os em uma masmorra, que havia feito praticar debaixo do chão, no interior da fortaleza*, a qual estremecia sobre suas cabeças, todas as vezes que se davão salvas ;e estas eram renovadas a todo instante, como que por acinte aos presos, aproveitando-se para isso todas as noticias favoraveis á contra revolução, afim de torturar ainda mais as victimas no carcere obscuro e humido que occupavam".

Dr. Pedro Theberge. "Esboço Historico sobre a Provincia do Ceará, pag. 19, 2ª parte.

(45)—Sobre o assumpto consulte-se tambem o brilhante artigo do dr. João Nogueira. "D. Barbara e o Governador Sampaio", publicado na R. do Instituto do Ceará, Tomo XLII. Anno 1928, p. 106.

A bateria foi extincta algum tempo depois do termino da grande guerra, em fins de 1918.

A ultima reforma, introduzida na fortaleza de N. S. da Assumpção, cujo recinto está hoje completamente invadido pelas dependencias do Quartel do 23º B. C., foi a construcção de um passadiço por sobre as canhoneiras abertas no parapeito da muralha, que olha para o mar.

Tal modificação tirou muito da belleza e originalidade desse monumento historico.

CARLOS STUDART FILHO